

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES



O pensador Friedrich Nietzsche defendia que o ser humano deveria construir o próprio sentido da vida

Nietzsche, 126 anos

Todo lobo é matilha. Todo nome, muitos. Todo Eu, multiplicidade. Platô 1 (p. 17): Deleuze-e-Guattari entrelinham o EU: “(...) em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. (...) Fomos ajudados, aspirados, multiplicados”. O nome, matilha. Um livro não tem sujeito. Então, “por que preservamos nossos nomes?. Por hábito, exclusivamente por hábito”. Agradável falar como todo mundo; afinal, precisamos encontrar alguém, identificar, embora a identidade seja o movimento se fingindo de “ser”, fingindo-se de imóvel.

Hoje, após 126 anos, a matilha-Nietzsche repousa em seus jazigos, os livros, é onde encontramos seus restos mortais: os conceitos. Outra vez, abro uma de suas lápidas no Jardim da Saudade, minha biblioteca, e sinto o aroma de um pensamento que respira. O lobo-Nietzsche é matilha a seguir trilhas conceituais que fogem ao dualismo, pois seu Zarathustra, que nega a dicotomia bem e mal, cria passagens “entre” signos contrários. Só é possível ir “Além do Bem e do Mal” se o pensamento movimentar-se “entre-dois”, é de onde o devir-bobo do papa cria o terceiro elemento, relido em Assim falava Zarathustra como terceira metamorfose, ela: terceiro incluído – a criança.

Apenas capaz de combater o “poder-entre” do sacerdote é a criança, o que não significa convocar inocentes de creches para marcharem à Catedral Basílica de Nossa Senhora de Aparecida. Não me refiro à criança da história ou da sociologia, e sim à da filosofia deleuze-guattariana, onde ela é rizoma, linha de fuga. Assim, com tamanha filosofia, e sem história, e sem sociologia, compreendo em Assim falava Zarathustra a criança como terceira metamorfose, potência intermediária.

Ora menos, ora mais, o dualismo jamais deixou de pulsar na política, aliás, doença de que se serviu sempre a extrema direita com a finalidade de se movimentar “entre” opostos. A ditadura cívico-militar pós-64, maior exemplo: estimulou o maniqueísmo, e a oposição caiu na armadilha do combate-entre de cabo Anselmo e de Severino Theodoro de Mello, só para ficarmos com dois exemplos. Se o senso comum [história e sociologia] não escreve livros sobre o poder-entre, é porque não leu Nietzsche e, se leu, não entendeu a profunda filosofia política a pulsar em Assim falava Zarathustra.

Microfísica do poder (p. 143). Foucault afirma: “Nietzsche é o filósofo do poder”, pois, diferente de Marx, que pensa o “poder-contra”, o poder nietzschiano é “relação”, poder-entre, por isso enigmático não pelo dualismo “visível e invisível”, mas por estar “entre” “visível-e-invisível”. Nietzsche está “Além do bem e do mal”.

Travessa, a criança a-travessa os opostos porque é potência intermediária, por isso está “entre” a primeira metamorfose (o “Sim” do asno) e a segunda (o “Não” do leão), sendo nem “Sim” nem “Não”, porém outro “Sim” do mesmo asno e outro “Não” do mesmo leão: paradoxo.

Última semana de agosto. Chega a atraente edição de Assim falava Zarathustra, tradução de Fernando R. de Moraes Barros pela Autêntica. Trata-se de um agenciamento-livro incomparavelmente vasto e profundo no campo político, já que a escritura de Nietzsche, filosófico-literária, mostra nas [entrelinhas] o ápice enigmático do poder-entre, o sacerdote, e quem combate-entre, a criança. Reabro Vontade de poder (p. 98), onde Nietzsche escreve o que não pode faltar: “um entre indispensável” – em itálico.

Bruno dos Anjos/Divulgação



Em ‘O Dia da Girafa’, Maurício Pereira reúne faixas nascidas de anotações produzidas sem compromisso no inquietante período da pandemia

Maurício Pereira
entre casos
e canções

Projeto Lança Perfume promove nesta quarta no Manouche bate-papo e audição do primeiro álbum de inéditas do músico em oito anos

AFFONSO NUNES

O cantor e compositor Maurício Pereira estará nesta quarta-feira (26), às 20h30, no Manouche, para uma

conversa com o jornalista Leonardo Lichote sobre “O Dia da Girafa”, seu primeiro álbum de inéditas em oito anos. O encontro integra o projeto Lança Perfume, criado pela diretora artística da casa, Alessandra Debs, e por Lichote, e propõe algo mais específico que uma entrevista convencional: público, convidado e mediador ouvem juntos o disco antes de discutir suas canções.

A audição permite acompanhar o encadeamento da obra de 12 canções, lançada em julho. Conhecido pela crônica de personagens, ruas e situações da vida paulistana, o compositor desloca o foco para uma matéria mais íntima e associativa. As letras nasceram de anotações feitas por Maurício durante a pandemia; agora, as cenas já não precisam chegar organizadas como pequenas narrativas.

“Em tempos normais, sou cronista. Sob pressão, funciono mais poeticamente”, afirmou o músico ao Correio por ocasião do lançamento do novo álbum. “O Dia da

“Em tempos normais, sou cronista. Sob pressão, funciono mais poeticamente”

MAURÍCIO PEREIRA

Girafa” trabalha com aproximações, desvios e lacunas, como se a canção acompanhasse o pensamento antes que ele se organize em história.

A faixa de abertura, “Uma Vida Standard”, escrita com Edson Natale, anuncia a tensão entre uma vontade de comunicação direta e a recusa de simplificar a experiência. O disco inclui “Casamata de Amoreiras”, parceria com Rômulo Fróes; “Eu Trago o Coração Vazando”, feita com Tim Bernardes; e a faixa-título, composta com Lu Horta. “A Professora de Melancolia” e “Quanta Barbaridade” ampliam esse repertório de observação íntima, sem abandonar o humor que atravessa a obra de Maurício.

A presença dos filhos Tim e Chico Bernardes é destaque no trabalho. Tim divide composição, baixo e arranjos de metais em uma das faixas; Chico toca violões, coproduz e assina a mixagem. Biel Basile, responsável pela produção e pela bateria, ajuda a costurar o repertório, que também reúne par-

cerias com Tonho Penhasco, Fábio Sá e Julia Toledo. É um álbum de parcerias, mas com unidade narrativa.

A conversa no Manouche recoloca o artista diante de uma história que passa pelo saxofone, pela composição e pela cena independente. Integrante dos Mulheres Negras ao lado de André Abujamra, Maurício construiu uma obra que concilia humor, estranhamento e canção popular. Músicos mais jovens voltaram a apontá-lo como referência pela liberdade de forma de suas canções.

SERVIÇO

LANÇA PERFUME:
LEONARDO LICHOTE
CONVIDA MAURÍCIO PEREIRA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese)
26/8, às 20h30
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia ou ingresso solidário, mediante doação de 1 kg de alimento não perecível ou livro)